
O sentido vivido da capoeira: cumplicidade, risco, autenticidade e criatividade

Pedro Henrique Martins Valério
Cristiano Roque Antunes Barreira

Resumo

O objetivo do presente trabalho é identificar e analisar o sentido vivido da capoeira por meio de relatos cedidos pelos Mestres acerca da prática desta manifestação. Vale-se de uma metodologia de inspiração fenomenológica para acessar suas vivências. Realizam-se, para tanto, entrevistas abertas em profundidade, seguidas de uma análise inspirada na arqueologia fenomenológica. Os resultados obtidos apontam para as ações destinadas a ampliar um estilo de lidar com o risco e o perigo em meio à cumplicidade entre os jogadores. Viver a capoeira implica ter sedimentadas e disponibilizadas em si mesmo essas ações, evocando um estilo de *estar no mundo* cuja sensibilidade corporal pauta valores e gestos reconhecidamente pertinentes à cultura capoeira, mas também reconhecidamente tendendo ao desenvolvimento de uma autenticidade e criatividade pessoais com relação à renovação dos modos de expressão da capoeira a partir de si mesmo.

PALAVRAS CHAVE: capoeira, fenomenologia, sentido vivido, artes marciais

Capoeira's lived experience: complicity, risk, authenticity and creativity

*Pedro Henrique Martins Valério
Cristiano Roque Antunes Barreira*

Abstract

This research aims to identify and analyze Capoeira lived experiences through the Capoeira's masters reports about their own experiences. Methodology of phenomenological inspiration was used to achieve this objective. Therefore in-depth interviews were applied, that were then analyzed using phenomenological archeology. The results obtained point out actions carried out to widen a style that allows management of risk and danger throughout player's complicity. To live Capoeira implies having established and available those actions in yourself, evoking a being-in-the-world style which corporal sensibility establishes values and gestures known as belonging to Capoeira's culture. It is known as well the development of personal authenticity and creativity related to the renewal of ways of expression of Capoeira.

Key words: Capoeira, phenomenology, lived experiences, martial arts.

El sentido vivido de la Capoeira: complicidad, riesgo, autenticidad y creatividad

*Pedro Henrique Martins Valério
Cristiano Roque Antunes Barreira*

Resumen

El objetivo de este trabajo es identificar y analizar, a través de informes cedidos por maestros acerca de la práctica de esta manifestación, el sentido vivido de la capoeira. Se utilizó una metodología de inspiración fenomenológica para tener acceso a dichas experiencias. Para ello, se realizaron entrevistas abiertas en profundidad, seguidas de un análisis inspirado en la arqueología fenomenológica. Los resultados obtenidos señalan la existencia de acciones destinadas a ampliar una forma de manejar el riesgo y el peligro en el marco de la complicidad entre los jugadores. Vivir la capoeira implica tener en sí mismo sedimentadas y disponibles esas acciones, evocando un estilo de estar en el mundo cuya sensibilidad corporal pauta valores y gestos reconocidamente pertinentes en la cultura de la Capoeira; pero a su vez reconocidamente tendientes al desarrollo de una autenticidad y creatividad personales con relación a la renovación de los modos de expresión de la Capoeira a partir de sí mismo.

PALABRAS-CLAVE: Capoeira, fenomenología, sentido vivido, artes marciales.

Introdução

A capoeira é uma manifestação que envolve variados elementos como música, dança, luta, jogo, religião, tradição, interesses políticos e uma história envolta por certa obscuridade e marcada pela oralidade. Neste sentido há diferentes compreensões a seu respeito. Citando alguns exemplos, através de diferentes perspectivas, muitos a abordam enfatizando a multiplicidade e a dinamicidade, porém reafirmando-a como resistência social e cultural: “que se transmuta e se adapta, que se rebela e se acomoda, que cria e reproduz, que já serviu para se defender e até matar, e que hoje serve para educar, mas que sempre foi um grito de liberdade e reafirmação de uma cultura e um povo oprimido” (Abib, 2009, p.72). Ou ainda enfatizam as diferentes qualidades de seus aspectos: “de um lado, a brincadeira, o descompromisso com a seriedade, tudo aquilo que restitui no homem a disponibilidade mental e física da criança. De outro, uma prática integrada de luta, dança, canto, toque e forma de pensar o mundo” (Sodré, 2002, p.22). Há também descrições do jogo da capoeira entendido “como um diálogo, uma conversa de corpos abertos e fechados que se amoldam à coreografia das palavras” (Barbosa, 2005, p.79), além de considerações sobre a capoeira como “um espaço de mediação corporal, lingüística e social” (idem). Devido a esta diversidade de elementos toma-se, antes de tudo, Capoeira como manifestação cultural detentora de tal diversidade, valendo-se da cultura “como um processo vivo e não como um conjunto de produtos acabados” (Amatuzzi, 2001, p.14).

Contudo, tais abordagens não serão tomadas nem como um ponto de partida e nem como escala de conhecimentos prontos que estimule diretamente novos avanços aos conhecimentos já consolidados. Entende-se que precisamente os conhecimentos dados como prontos deverão ser deixados em suspenso a fim de que a capoeira se manifeste diretamente, sem a interferência de grades conceituais que antecipem considerações sobre o que ela é. O que justifica tal empreendimento é o fato de que pouco se sabe a respeito do modo como a capoeira se constitui na intencionalidade de seus praticantes, portanto, trata-se de um trabalho de orientação fenomenológica no campo da psicologia, a exemplo de Barreira e Massimi (2006, 2008). Tal orientação busca aplicar uma arqueologia fenomenológica que explore a capoeira enquanto estrutura intencional, sentido vivido ou vetor das vivências específicas que a constituem.

Demanda-se então, a utilização de um método que entre de modo mais profundo na cultura vivida de maneira a compreendê-la interiormente. Este propósito envia à fenomenologia que “se mostra eficaz pela sua capacidade de remontar até as origens dos fenômenos” (Ales Bello, 1998, p.12) e, “portanto, não só descrevê-los na sua manifestação exterior, mas também evidenciar as fontes que os produziram” (idem). Nesse sentido torna-se possível a utilização, mais precisamente, da *arqueologia fenomenológica das culturas* (Barreira e Massimi, 2005). Na sistematização desta arqueologia, Ales Bello segue considerando que “trata-se, portanto, de uma indagação regressiva envolvendo cada uma destas operações voltadas a determinar o sentido de qualquer coisa até reconduzi-las às fontes últimas, às matrizes, às Archai” (Ales Bello, 1998, p.18). Assim, a partir de uma análise fenomenológica, há possibilidades de se obter um esclarecimento maior sobre a capoeira através do estudo da vivência do capoeirista em ação¹. Nesse sentido, o objetivo do presente trabalho é identificar e analisar

¹ O termo capoeirista utilizado neste trabalho indica o praticante mais experiente que se reconhece e é reconhecido como tal primeiramente pela comunidade de praticantes.

o sentido vivido da capoeira por meio de relatos cedidos pelos Mestres acerca da prática desta manifestação.

Metodologia

Sendo o objeto desta pesquisa a vivência do capoeirista, pretende-se reconhecer a mesma por meio de relatos que permitem acessar estas vivências constitutivas. Para tanto foram coletados e transcritos depoimentos de 9 Mestres de capoeira e um depoimento de um Mestrando, todos com pelo menos 28 anos de experiência, sendo quatro deles da capoeira regional e seis da capoeira angola². Esta etapa é seguida por uma análise intencional dos depoimentos para que seja possível individuar e compreender estas vivências. Para tanto é necessário um modo apropriado de acesso às vivências constitutivas daquilo que é capoeira, tendo-se como opção a entrevista de inspiração fenomenológica, pois esta visa apreender o conteúdo intencional do depoimento a respeito do tema estudado, tentando desviar-se de "conteúdos pré-conceituais para penetrar em seus fundamentos de ordem vivencial" (Barreira et al., 2008). Desta forma, para a fenomenologia, os atos relativos às dimensões qualitativamente definidas como psíquica, corpórea e espiritual são registrados na consciência, que por sua vez só se manifesta através de algo que se mostra, então, de algo que deve estar presente à consciência, assim: "é nessa relação, definidora da consciência, que o pensamento de Husserl identifica a via de acesso, ou melhor, a via constitutiva da realidade" (Barreira e Massimi, 2005, p.6). Este caminho de acesso à realidade Husserl chama de *intencionalidade*. Desta forma, utilizam-se entrevistas abertas em profundidade, pois estas "favorecem um contato compreensivo com o outro, criando um ambiente de diálogo entre entrevistador e entrevistado, o qual possibilita o relato da experiência em primeira pessoa buscando a emergência das vivências" (Barreira et al., 2008).

Cada Mestre, respectivamente, está denominado por sujeito 1(S1), sujeito 2(S2) e assim por diante, seguindo a cronologia de realização das entrevistas. Tal denominação busca preservar a identidade dos mesmos como previsto no termo de consentimento informado. Desta forma, no decorrer dos resultados a apresentação de cada relato é indicada por uma destas denominações, informando assim a qual sujeito pertence o relato apresentado.

Resultados

Para a exploração daquilo que é a capoeira e de suas vivências correlatas, busca-se compreender como o capoeirista se *reconhece* e é *reconhecido*, isto é, aquelas expressões já prontas no mundo da experiência do capoeirista que, analisadas com auxílio da arqueologia fenomenológica, serão examinadas interiormente a fim de que se explicitem os principais

² O critério de seleção desses Mestres ocorreu de acordo com a reputação e o reconhecimento que os mesmos tinham no meio da capoeira como um todo e não somente dentro de um seguimento ou grupo. Aqui, utiliza-se o termo capoeira regional de forma genérica, pois é sabido que poucos seguem fielmente a metodologia criada pelo Mestre Bimba, porém, de forma geral, esses capoeiristas são reconhecidos no meio como pertencentes a seguimentos provenientes da capoeira regional.

elementos pelas quais se constituem. Nesse sentido, podem-se antecipar as diversas facetas que tornam a capoeira socialmente reconhecida, isto é, as representações alusivas ao *senso comum*³ que estão coladas à capoeira: luta, jogo, dança, esporte, brincadeira, cultura, música etc. Estas representações não são julgadas ou ignoradas mas, de acordo com o método fenomenológico que inspira este trabalho, verifica-se a necessidade de suspendê-las e, deste modo, adentrar na experiência vivida para identificar e compreender como os elementos que constituem a capoeira se dão à consciência do praticante experiente. Portanto, a capoeira tomada como manifestação cultural, demanda a análise da manifestação da vivência do capoeirista a partir de relatos que expressam o modo de agir e manifestar a capoeira no mundo, processo que se encontra em constante atualização, mas que deverá ter, como estes resultados pretendem sustentar, um substrato comum, um elemento constante que caracteriza esta atualização.

A redução fenomenológica se propõe filosoficamente por meio da chamada *variação eidética*, isto é, da variação do posicionamento das muitas possibilidades de manifestação do fenômeno a fim de iluminar aquilo que, apesar das mudanças, se mantém constante (Husserl, 2008). Na introdução situou-se várias das manifestações da capoeira: brincadeira, dança, combate, cultura, jogo. Ao mesmo tempo em que essas manifestações são objetivas, elas são portadoras de correlatos subjetivos, o que na linguagem técnica da fenomenologia se dirige para aquilo que, *grosso modo*, se denomina *noema* e *noese* indicando respectivamente aquilo que aparece à consciência e os atos de consciência correspondentes à aparição⁴. Portanto, pode-se jogar capoeira vivenciando-a de modo lúdico, assim como se pode vivenciá-la como luta em um extremo desafio ameaçador, ou ainda vivenciá-la como um desafio de demonstração prática de perícia sobre o outro.

Jogar capoeira pode implicar um desafio no registro da demonstração em que a prática pode ser um *como* se cuja pretensão é evidenciar a superação do outro na perícia dos movimentos. Mesmo quando de forma lúdica, demonstra-se que o golpe determinaria a luta. Essas variações dos modos de aparição da capoeira dão a ver que, de modo menos ou mais explícito, sempre se tem presente a *luta* como um traço que cruza o fenômeno. A luta pode transitar entre esses modos ou ainda se manifestar através da mistura entre os mesmos e de sua transição dinâmica, portanto, ela é um elemento essencial da capoeira, seja ela vivida como for. Retire-se a luta da capoeira e não se tem mais capoeira.

Sendo assim, evidenciado este elemento constitutivo como evidência *eidética*, isto é, como fundo intencional, pode-se considerar algumas das possibilidades de manifestação do mesmo na experiência vivida da capoeira a partir dos relatos coletados. Dado que o desdobrar

³ Senso comum aqui não é tomado com qualquer sentido pejorativo. As análises sociais que têm inspiração fenomenológica costumam atribuir legitimidade ao chamado senso comum, já que evitam partir de uma concepção prévia de hierarquia cultural que despreze saberes e práticas não científicas. O senso comum se sustenta pelas percepções compartilhadas e são portadores de um sentido legítimo não necessariamente orientado em motivos de ordem lógico racionais, mas carregadas de afetos, tradição, saberes etc.

⁴ A correlação entre *subjetivo* e *objetivo* e, respectivamente, *noese* e *noema* é uma simplificação que, do ponto de vista rigoroso, é equivocada. Estes conceitos se antecipam à distinção entre sujeito e objeto, pois iluminam a idéia de voltar às *coisas mesmas*. Como o propósito desse trabalho não é o debate conceitual da fenomenologia, mas fazer uso da mesma, o tema não será aprofundado.

temporal da experiência da capoeira se desenvolve como uma gradativa sofisticação dos movimentos e alternativas gestuais, essas possibilidades de manifestação extraídas dos relatos procurarão obedecer a esse processo de amplificação de alternativas. Se inicialmente há reatividade mecânica ao perigo de ser golpeado e de golpear, com toda a implicação emocional de se lidar com isso, progressivamente se passa à possibilidade de uma espécie de *dialogia corporal*, de responsividade ao golpe que passa a ser percebido menos como perigo (ameaça extrema de algum prejuízo) e mais como risco (probabilidade de perigo). Esse processo gradativo não é de mão única, pois a possibilidade de que a capoeira seja marcada pela brincadeira ou pelo combate efetivo, nunca é eliminada.

PERIGO E DIVERSIFICAÇÃO

Um exemplo do modo como a capoeira pode ser abordada no início de sua vivência é dado pelo trecho de relato abaixo extraído da entrevista com o Mestre indicado por S4. Para ele, claramente a capoeira se manifesta como possibilidade de enfrentamento dos outros, o que correspondia ao que ele julgava um “problema a ser resolvido”, uma propensão à agressão física. Posteriormente, a própria experiência que possibilitava a vantagem combativa modificou a propensão, em suas palavras, “tirou isso”. Note-se, portanto, o reconhecimento de um movimento intencional comum entre os mestres entrevistados, mesmo que para alguns este movimento não se fixe em intenções relacionadas à agressividade, auto-defesa e violência. Este *movimento intencional* amplia as possibilidades de ação, primeiro, limitadas pelo perigo de combate e depois diversificadas por algo que vai se revelar um domínio do manejo do perigo:

Eu era um pouco talvez assim, pelo fato de eu viver sozinho, eu meio carente assim... de parentes e tudo mais, eu não era agressivo mas eu tinha aquilo dentro de mim, tinha uma coisa assim que (...) eu queria resolver meu problema minha situação, (...) um negocio eu já ia pra cima, então a capoeira me deu essa abertura de eu querer ser assim, mas depois ela me tirou ao mesmo tempo, quando eu entrei nela eu pensava nisso, vou ficar bom de porrada pra brigar e depois eu saio da capoeira (...) mas não, ela me prendeu, hoje eu to aí esse tempo todo na capoeira. (S4)

Neste caso, tal propensão encontra na capoeira abertura para “ser”, ou seja, agir frente a um problema dado na intenção de obter condições para resolvê-lo. Porém essa necessidade vai se modificando, a pessoa se abre e é exposta, simultaneamente, a outras experiências, o que transforma sua relação com a capoeira. Tal intenção de “resolver meu problema” se dá, para o sujeito entrevistado, como necessária frente às situações promotoras de ameaças ou prejuízos. A capoeira, por sua vez, se mostra como alternativa de solução, assim, ela fornece elementos tidos pelo sujeito como condições válidas para lidar de forma a mudar, diminuir ou eliminar tais problemas.

Na roda de capoeira é possível identificar estas situações, principalmente através do elemento luta, o que não significa que quem busque a capoeira como luta necessariamente busque resolver um problema. O elemento luta, dentre outras, promove uma experiência de desafio que lhe é inerente. Esta experiência pode ser encarada por meio de uma preparação anterior para enfrentar e suportar situações em que o outro se manifesta de maneira ameaçadora: “o cara dobrar de tamanho na sua frente” (S9). Assim, é necessário se preparar para “passar um sufoco”,

enfrentar a ameaça e a dúvida que surge “e aí? como é que faz?” (S9). Portanto, dentro do jogo da capoeira se verificam, entre tantas outras ações, aquelas dirigidas basicamente ao ataque e à defesa, o que dá espaço para “sentir o desafio”, de forma a se colocar diante do perigo e enfrentá-lo:

essa coisa sempre me fascinou na luta da capoeira, essa coisa esse desafio, sabe? (...) lutar é desafio pô, você sentir o desafio ali e botar em prática o que você praticou, se sua mente ta preparada se você ta bem preparado pra isso, passar um sufoco, né? Às vezes dar uma porrada no cara você vê o cara dobrar de tamanho na sua frente e aí? Como é que faz?
(S9)

Nota-se a propensão para o combate que fascina S9 que, ao mesmo tempo, encontra na capoeira espaço para efetivar estas ações. Contudo, dentre os entrevistados, a maioria mostra tal propensão somente em uma determinada fase de suas experiências com a capoeira, sendo poucos os que manifestam manter por mais tempo uma atitude sempre mais disposta a buscar situações de luta real, como é o caso relatado por S9. Porém, mantendo-se ou não esta disposição, em todos os casos, há diversificação desta que jamais se restringe como única, dando lugar a outras experiências. A luta, praticada no sentido de se expor enfrentando o perigo propriamente dito, mesmo por aqueles que compartilham desta intenção, não é tão freqüente, devido à luta de fato conter o que se chamou de o “instinto do bixo do ser humano” (S9). Assim, o desconhecimento do que está presente no momento, pede uma atenção dirigida ao que pode estar por vir: “num lugar perigoso que você não sabe quem ta jogando com você” (S9). Essa experiência promove uma atitude cautelosa: “ninguém quer se expor de bobeira”. Nesse sentido, as intenções prévias são submetidas a uma atitude marcada pela percepção sensível do ambiente no que se refere à constante possibilidade de perigo e ameaça, possivelmente contidos nas intenções camufladas de pessoas ali presentes:

Meu camarada, ninguém gosta de lutar, porque lutar: você vê o instinto do bixo do ser humano. A gente sempre... o nosso instinto é evitar, porque uma luta, sobretudo uma luta de capoeira, é perigoso, no meio de uma rua, num centro de cidade, num lugar perigoso que você não sabe quem ta jogando com você. Isso aconteceu muito na Praça, aprendi muito na Praça com a capoeira porque me ensinou muito também a vivência da rua, malandragem, sabe? Andar na rua, observar, sentir as coisas, sentir o ambiente, não sabia quem tava jogando, chegava um cara lá e você não sabia, então ninguém quer lutar de bobeira, fazer força de bobeira, se machucar de bobeira, se expor de bobeira, então a luta não era todo dia não. (S9)

CAUTELA, MALANDRAGEM

Mesmo quando há intenções voltadas para o combate, ao mesmo tempo se encontram presentes ações no sentido de evitar o perigo, porém, através desta atitude cautelosa, avalia-se a situação de modo a saber se vale ou não a pena se colocar em situação perigosa, por isso aqui tanto a ação que evita o confronto quanto a que o enfrenta é de certa forma ponderada. Nesse sentido a malandragem está também na percepção do perigo: o quanto que é ou não viável se expor a ele no sentido de quais são as chances de se sair ileso, pouco prejudicado ou bem reputado. Portanto, a malandragem é sabedoria que tende mais à auto-preservação do que ao ataque imediato e ao enfrentamento. Isso não significa que quem busca

lutar capoeira não se coloca de fato no desafio, mas pondera as condições para isso. Esta percepção do ambiente pode partir não só do capoeirista isoladamente, mas através de “sinais” comunitariamente compartilhados, emitidos por outros capoeiristas presentes no sentido de avisar ou orientar este capoeirista quanto a ele ter ou não condições para participar:

às vezes nem tem um sinal só no jeito de olhar, um toque, um balanço com a cabeça, uma coisa, ou ta tranquilo, ele já vai saber se aquele ambiente da pra ele ou não da (...) essa experiência que se adquire na no dia a dia (S9).

Neste caso, verifica-se também ações em grupo, mostrando uma cumplicidade diante do perigo no sentido de avisar e julgar se é viável para um determinado capoeirista se expor ao perigo. Dentro disso a luta acontece, numa situação ideal, mais próxima do “comum acordo”, ou seja, da mesma maneira que a exposição de si ao perigo, à ação desafiadora é dosada: “essa coisa, esse desafio, essa coisa de (...) contato, o contato dosado, o contato de um lutador, o contato de uma coisa honrada, de uma coisa justa” (S9). No ameaçar e prejudicar, idealmente, as condições do outro também podem ser levadas em conta de certa forma, não no intuito de preservá-lo, mas sim de manter as condições para que de fato ocorra uma situação desafiadora, porém não desprovida de certa segurança. Ocorrendo o encontro de intenções semelhantes e até perigosas, contudo, de certa forma viáveis para a lida de ambos os capoeiristas:

lá acontecia Capoeira e se acontecesse a luta da Capoeira acontecia de comum acordo, é isso que eu to dizendo pra você, não tinha aquela história de chegar lá um coitadinho dizer ôpa chegou um coitadinho vamos massacrar, (...) teve jogo duro, vários jogos duros, vi vários jogos não só comigo mas com outros camaradas, coisa bonita de ver, dois a dois e ninguém era obrigado a nada e depois sempre acabava com festa, sempre acabava com um samba de roda, a gente ia no bar Xangô, comer, beber, falar de outras coisas da roda enfim, sempre foi nessa atmosfera, (...) esse não foi o grande de aspecto de lutar Capoeira na Praça não porque muitas vezes não tinha nada disso, era uma roda alegre, de amigos. (S9)

O “jogo duro”, apesar de agressivo e perigoso, é marcado por certa cumplicidade – “dois a dois e ninguém era obrigado a nada” – em meio a um ambiente marcado por amizades e compartilhamento, onde mesmo quando ocorria a luta, isso não necessariamente implicava em discordância e inimizades dentro daquele grupo de capoeiristas que compunham a roda. Porém, isso não isenta a possibilidade de violência e da discordância total.

MALÍCIA: CUMPLICIDADE E ADVERSIDADE

Essas experiências parecem marcar os limites e as diferenças em que se dá a capoeira, por um lado, como “jogo duro” e, por outro, como violência, outro tipo de luta ou briga qualquer. Mesmo nas situações de combate ou da presença de intenções voltadas a efetuar de fato os ataques para prejudicar fisicamente o outro, há algo que permanece e diferencia a “luta da capoeira” das outras lutas. A partir daí, nota-se, através desta percepção sensível do outro e do ambiente, da atitude cautelosa e atenta, da cumplicidade composta por situações de perigo, seja ela entre um determinado grupo de amigos ou entre jogadores que se desconhecem, uma determinada abertura de possibilidades de ação frente ao conflito. Assim, o caráter mais ou menos direto do enfrentamento pode variar, dependendo

principalmente de como o capoeirista se posiciona quando percebe as intenções alheias. Ele pode, dentre outras maneiras, se posicionar de forma defensiva e cautelosa, “jogar com cuidado” e agir pré-disposto a “jogar de tal forma”, utilizando-se mais da razão, da atenção no sentido de procurar se precaver contra a ameaça:

se o companheiro ta com a intenção de me atingir de não me deixar desenvolver ele propõe um outro tipo de jogo, dentro do olho dele eu percebo isso ou dentro do movimento que ele faz eu percebo que ele ta com a intenção de fazer outro jogo, então a minha atitude já vai ser defensiva, vai ser uma atitude mais racional, eu vou jogar com cuidado, então eu já to tomando eu já to dentro do jogo me pré-dispondo à jogar de uma tal forma (S8)

Isso não implica a necessidade de atacar o outro a todo custo e de qualquer forma, mas pode abrir um leque maior de alternativas referentes ao combate. Uma delas é a de reagir a estas situações valendo-se da falsidade, se mostrar de uma forma e agir de outra para revidar e prejudicar o outro: “começa a rir pra atrair seu adversário, ele toma pancada e dá risada ele dá até risada (...) angoleiro não desperdiça golpe (...) só pega na espinha mole” (S3). Isso mostra que a risada e a alegria podem ser somente estratégias para blefar com o outro e tirá-lo de cena. Porém, há também a alegria de fato que pode ainda estar dentro desta possibilidade, mas, em geral, promove jogos e ações que não necessariamente fazem uso do sorriso como arma para enganar e surpreender o outro o prejudicando. Nesse sentido, mais ou menos dentro de um contexto de intenções voltadas a ferir, física ou moralmente, há ações que fazem uso do “jogo de corpo”, da estratégia para “armar um bote” e envolver o outro no “disfarce” e convencê-lo a pensar que irá acontecer uma coisa quando está para acontecer outra, fazendo a situação parecer mais um acidente provocado mais indiretamente, do que uma ação proposital direta:

de por a sua cabeça, seu corpo pra funcionar ao mesmo tempo, e armar uma jogada, armar um bote, aqui não é um jogo de força, né? Um jogo de braveza, de correr pra dentro pegar se eu não pegar na capoeira eu pego na mão (...) ver como ele vai entrar na minha, no meu papo de movimento muscular né? (...) É o lance quando você conseguir, com seu jogo de corpo, seu jogo de olhar, seu disfarce, você conseguir convencer o capoeirista que você vai fazer aquilo e você não vai na hora (...) de levar ele nos seus encantos, nas suas malícias, dizer não ali eu ameacei ali, estudei ele, hipnotizei ele, joguei ele no lado que eu queria pra dar o golpe e ele caiu em cima do meu pé se machucou sozinho, né? (S5)

Essas ações, mesmo quando mais próximas de situações de perigo e luta real, demandam um ponto de partida comum aos capoeiristas, no qual não está em jogo ataques no sentido do uso da força e de atitudes mais ofensivas e diretas, “correr pra dentro”, e muito menos o uso de qualquer forma de ataque – “se eu não pegar na capoeira eu pego na mão” –, mas sim do convencimento, do engano e da percepção e habilidade de identificar as intenções, ações e pontos fracos do outro, ou seja, da malícia. Embora a qualidade da malícia possa variar num amplo arco, ela sempre guarda um ato empático que se estende e se aprofunda em cumplicidade, sem, todavia, de fato deixar de ser intersubjetivamente adverso. A cumplicidade é participação na intenção de um outro, atração de um outro para a intenção de si-mesmo, com o dar-se conta, mútuo ou não, dessa participação intencional. Contudo, a malícia é uma espécie de cumplicidade adversa,

em que a atração ou participação na intenção do outro mantém oculta uma adversidade que pretende solucionar o jogo ou a luta, vencendo-a, contornando-a ou evitando-a.

A VINGATIVA, PROTELAÇÃO E A ESQUIVA

Estes posicionamentos ofensivos e defensivos ocorrem na presença do medo, da coragem e da raiva, que tomarão parte no processo de luta dentro do jogo da capoeira nas suas mais variadas intenções. Tais emoções impulsionam reações: defesas, fugas e ataques na intenção de se livrar da ameaça. Estas ações e as emoções que as impulsionam podem vir à tona também em virtude da ameaça ou ocorrência de prejuízos morais, que não necessariamente estão atrelados aos de ordem física. Neste caso, não é revidar e “encher o cara de cabeçada” no mesmo momento, mas sim saber “esperar o tempo certo” e “pegar” o outro de forma equivalente:

Tensa, se ele recebeu já tem que revidar? Não. Uma coisa assim, às vezes você leva uma rasteira, por exemplo, a rasteira é um dos golpes da capoeira que a gente fala assim: é humilhante, né? Rasteira só se paga com outra, você pode encher o cara de cabeçada de chapa de não sei de que, mas não adianta meu amigo, você tem que esperar o tempo certo (risos). Não é gostoso? Não é aquela agressividade, né? Rasteira faz parte. (S4)

Esperar o tempo certo, é alternativa presente na capoeira e pode ser expressa através de cantigas, histórias ou fatos ocorridos com capoeiristas mais velhos que atualizam o ditado popular que circula entre os capoeiristas: *quem bate não se lembra e quem apanha não esquece*. Assim, tal atitude, fornece uma opção de ação diferente do revidar agressivo e imediato, o que demanda experiência, tempo e pode ser vivida de forma “gostosa”, aceitando a rasteira como algo que “faz parte”. Contudo, o sentir-se humilhado e ser visto como tal, pode favorecer disposições para ganhar ou perder e, conseqüentemente para a vingança, envolvendo o perigo real enquanto agressão física e/ou moral: “você pode ofender, ferir um cara desse, por querer ou sem querer, e ele não quer nem saber: se perdeu o sangue dele e vai a vingança (...) Vai entrar pra matar.” (S1). Assim, além destas possibilidades, há intenções voltadas a “pegar” de forma agressiva em determinados momentos do jogo, mesmo que não de forma a potencialmente provocar graves lesões, permanecendo no jogo o risco, o que torna evidente a constante presença da sombra do perigo. O capoeirista está “dentro do movimento” e sente a “coisa vindo agressiva” e consegue “sair” do golpe:

Eu pergunto você me responde, e assim por diante vai trocando essa experiência de movimentos, é o que você se sente na roda de capoeira (...) quando você tá dentro do movimento que você sente que a coisa tá vindo agressiva assim pra te pegar, e você se sai “nossa graças a Deus eu saí, eu treinei!” Então você chega no companheiro diz: “Pô, meu, nossa, você queria me matar, né?” (risos). “Não, foi sem querer.” Tem aquele negócio do sem querer querendo, mas é essa que é a experiência, né? Com a roda de capoeira, quando você tá com seu companheiro ali, você se sente bem (...) você dá a mão pra ele, agradece, né? Isso é a energia dos dois na roda de capoeira. (S4)

No recorte acima, descreve-se aqueles momentos em que, mesmo quando há um golpe que oferece certo risco, a situação é encarada com humor e com companheirismo, predomina o sentir-se bem e o agradecer ao outro, compartilhando a “energia dos dois na roda de capoeira” através da “pergunta e resposta”. Ir “trocando experiência de movimentos”, criando situações arriscadas, mas marcadas por risos e ações ambíguas: “aquele negócio do sem querer querendo”. Criam-se, então, possibilidades de posicionamento frente ao perigo diferentes das relacionadas à agressão. Nestas alternativas, quando ocorre uma rasteira há o respeitar: “todo mundo que leva a rasteira que cai, ele bate palma, agradece o amigo dele que tava ali o companheiro dele.” (S4)

Porém, sustentando a malícia, quando o controle da raiva está sendo perdido, a fim de não demonstrá-lo, o capoeirista tem como possibilidade fingir:

porque muitas vezes você tá com o sorriso no rosto, mas tá por dentro querendo matar o outro porque ele te deu uma queda, mas essa raiva que é natural você aprende a controlar também e isso vai pra vida (S8).

Nesse sentido, ao longo do tempo, o capoeirista pode se encontrar em uma condição em que, no momento da “queda”, se aprende o controle das emoções e a protelação, atitude condizente com os elementos próprios da capoeira e, portanto, como ganho de alternativas que constitui o aprendizado do capoeirista.

O “sair” também constitui a ação e vivência capoeirista, se defender e se esquivar de um golpe que oferece perigo e aparentemente impede qualquer tipo de saída, ocorrendo a esquivas de forma improvisada. Essa experiência de se surpreender frente ao ataque impulsiona a ação criativa:

ai você fala assim: “Eu me sinto mais capoeirista quando eu defendo do que quando eu ataco” (...) o cara te pega você num golpe contra, na verdade você vai pra lá pensa que vem de cá, daqui a pouco você tá indo de frente pro golpe você tem que se virar você fala assim: “Rapaz como é que eu saí daquilo?” isso é o reflexo né? Da capoeira, do capoeirista “Rapaz como é que saiu daquilo?” (risos) É muito legal, né? Na hora que a coisa vem você fala assim: o quê?! Não, você até se joga no chão (S4)

Assim, quando surge o golpe surpresa e o sujeito passa um “apuro danado” ele se sente como capoeirista tanto quanto se ele fosse o atacante. O capoeirista “tem que se virar”, surpreendido com o ataque do outro e com a esquivas que ele mesmo realizou, entendida por S4 como o “reflexo do capoeirista”. Em contraposição à tensão e à rigidez, vivencia-se o risco com bom humor e alegria, com abertura para se colocar de modo a não evitar a todo custo seus ataques, mas de maneira a abrir oportunidades para o outro, mesmo que estas não sejam claras e evidentes para ambos. Encontrar-se nesta situação em que se está muito próximo de ser atingido, favorece a realização de uma saída improvisada e inovadora. O agir de forma a lidar com o inesperado, com a dúvida e a possibilidade de perigo, vai no sentido de nem sempre se evitar essas circunstâncias, mas sim se expor a elas criando situações favoráveis para as mesmas, porém, dentro de limites colocados pelo próprio capoeirista: “Eu gosto do perigo e tal, mas eu tenho um limite, se eu percebo que o cara tá a fim de me arrebentar e eu não tenho condições de continuar brincando com ele, eu saio fora” (S6).

Permanece então nos jogos de capoeira o risco mais ou menos próximo do perigo, dentro de possibilidades de abrir oportunidades de ser atacado e nem sempre atacar nas brechas deixadas pelo outro, ou não concluir o ataque, mas somente “marcar” o movimento ou concluí-lo amortecendo seu impacto. Permanece também a intenção de pegar o outro, mesmo que seja diante de uma atitude de quem recebe o golpe, até certo ponto, confiante num posicionamento equivalente por parte do outro. Porém, isso não exclui a possibilidade de agir estrategicamente e “armar uma arapuca” enganando-o, neste caso sem ultrapassar o limite da brincadeira e da aplicação moderada do golpe: “vou ter uma atitude no jogo que vou fazer com que ele caia numa arapuca que eu armei, aí sim eu vou dar um empurrão com a cabeça pra ele desequilibrar (...) então ele não vai se machucar.” (S8)

VADIAÇÃO

Esta parece ser uma possibilidade sofisticada da capoeira, referente àquilo que mais acima se mencionou como uma ampliação das alternativas, menos desafios extremos que tendem para ações destrutivas, mais desafios representativos do jogo, desafios lúdicos da brincadeira, abertos a uma plasticidade artística e ainda eficaz. Contudo, buscar, se posicionar e agir desta forma, controlando as emoções e agindo em sintonia com outros valores pode ser também um grande desafio.

Esse posicionamento, aberto e disposto à troca e ao respeito, dá possibilidades de realização dos dois capoeiristas no jogo, o que não implica necessariamente em vitória ou derrota. Há a “fluidez do jogo”, a “abertura” para o outro e a conseqüente possibilidade de criar situações para se movimentar junto: “trabalhar e achar o movimento em você” e vice versa:

Eu sinto isso pela fluidez do jogo, pela expressão, por isso que eu digo: Quando você joga olhando nos olhos, quando você vê a expressão do outro, você vê que o outro, ele tá ali aberto, ele quer propor uma energia legal e chega em dado momento, meu velho, a pessoa aperta sua mão, a pessoa lhe abraça a pessoa sai num prazer dizendo 'poxa, até aquele momento eu to realizado.' Da pessoa trabalhar e achar o movimento em você ou você achar um movimento nele. (S2)

Através da proposta de “uma energia”, ocorre uma troca de oportunidades no que se refere a encontrar o seu movimento no movimento do outro, ou seja, movimentos que podem conter a abertura para o outro realizar seu movimento e assim por diante. Desta forma, é possível um jogo rumo à realização mútua e o elemento luta continua presente diluído em meio ao lúdico, à dança e à troca de movimentos sem objetivos claros. Junto a isso continuam presentes, acidentais ou não, os riscos físicos e morais, não na mesma intensidade e presença em que se encontram em situações de luta real, sendo o posicionamento, as intenções e as ações diante disto, bem como a maneira de lidar com o outro e o risco inerente ao jogo, diferenciados.

A partir daí, durante o jogo por meio da combinação destes movimentos, “os dois se tornam um”. Contudo nesse processo não ficam de fora as intenções e ações dirigidas a pegar o outro, “um cutucando tentando dentro do movimento pegar o outro”. Da mesma forma, as defesas são

exercidas constantemente “o outro não ta deixando”. É justamente isso que permite a beleza e a criatividade das “saídas”, transformando o momento em algo “mágico”:

quando os dois que estão jogando se tornam um, aí quando (...) os movimentos se combinam, então, é eu entrando ele saindo, ele entrando eu saindo, eu quando penso que peguei ele saiu, quando penso que vou pegar ta vindo o dele eu tenho que me sair, então aquela coisa: um bom jogo de capoeira é quando ta um cutucando tentando dentro do movimento pegar o outro e outro não ta deixando, aí fica bom as defesas e as saídas, eu sou fã das saídas...Vem aquele pé você tira a cara, quando vem a porrada entrar o cara da um role por dentro do outro, sai do outro lado dando risada, né? Eu acho que (...) um momento mágico é a defesa mesmo. (S8)

Essa união dos dois é possível, pois a intenção não é aparecer diminuindo o outro, mas sim estar junto com o outro. Durante esses momentos não há a conclusão do jogo: Um ataque requer uma saída, não qualquer saída, mas aquela que vai “por dentro do outro”. Nesse sentido, há um momento de tensão da situação em si, mas em que os capoeiristas se encontram relaxados, entregues ao jogo de forma espontânea e descompromissada: “vadiação pra mim é o jogo de forma descompromissada, de forma subjetiva, aonde o ganhar e o perder não importa, né? Enfim, você joga pelo prazer” (S10). Esse jogo pelo prazer é chamado pelos Mestres de vadiação, no qual não há preocupação com a vitória ou derrota, mas há a intenção de “somar” com o outro: “é um prazer de você somar com ele” (S2). Porém, para que seja possível tal experiência, é necessária além da abertura atenta ao outro, a afinidade entre os jogadores, o “jogo encaixa”, se desenvolve e compõe um repertório diferente – “é um negócio de outro mundo” – de entradas e saídas:

quando você faz aquela você cai com a pessoa certa (...) nem conhecer e o jogo encaixa, é um negócio de outro mundo, é o pé quem vem de lá e você sai daqui, (...) nessa própria saída você jogou o seu, o cara desmonta também ali. (S8)

Ocorre o encontro e afinidade de intenções dentro do jogo junto à abertura ao que o outro traz no sentido de compartilhar e jogar junto, desta forma o encontro das vontades, compreensões, intenções e posicionamentos dentro da roda de capoeira: “O que vai acontecer na roda é simplesmente uma proposta da própria energia de cada um, do que a gente quer” (S2), é elemento constitutivo do jogo. Dentro dessa vivência, a espontaneidade, possibilitada pelo descompromisso com formas ou ordens rigidamente impostas e pré-estabelecidas, torna possível uma ação mais criativa, um modo de agir característico à capoeira e ao mesmo tempo originado em si mesmo e, portanto, simultaneamente comum e peculiar, ponto que será retomado adiante.

O jogo, simultaneamente ao que já foi exposto, é influenciado pela vibração do ritmo e do canto, o que contribui para diferentes interpretações do significado das palavras cantadas. Isso pode se dar pelo sentimento vivenciado no momento pelo cantador e/ou por um acontecimento específico dentro da roda, o que dá margem a várias interpretações pelos participantes:

Agora, você também tem os versos, né? Que você vai jogando de acordo com o que ta acontecendo, o que você ta sentindo... Aí o cara interpretou de outro jeito, o outro de outro (...) e aí que é o gostoso. (S8)

Nesse sentido, o canto é transmitido de acordo com o sentimento do cantador e com os acontecimentos da roda, o que torna o significado da cantiga não só entendido racionalmente, mas através da sensibilidade quanto à “vibração” que a cantiga “joga” na roda. Isso pode trazer outros sentidos que podem ser do passado histórico – “tempo da escravidão” – ou atual – “quando você ta tomando uma rasteira”. A “entonação”, o que o cantador está “sentindo”, torna possível que a “letra triste” possa “ser alegre”:

É a entonação da voz, as subidas e decidas dos acentos, né? Então, muitas vezes o som, ele tem uma vibração independente do que você quer dizer, também é importante vibrar né? Jogar aquela coisa no, no éter né? Na atmosfera, então você quando você canta: aiaiaiai, aidilelê ôôô, (...) existe um significado nessa música... É um gemido, aiaiai é uma dor, lelê é uma madeira roliça, então adilelê é a batida, é o cara apanhando. Então a entonação que você dá na voz, a forma de você cantar, o timbre de sua voz, o que você ta sentindo interfere muito, às vezes numa letra que pode ser triste ela pode ser alegre, porque eu posso cantar aiaiai quando você ta tomando uma rasteira e cantar com um sorriso no rosto (...) como eu posso ta me remetendo ao tempo da escravidão, do tempo que veio essa musica (...) Eu posso me lamentar no canto né? (S8)

O sentimento, a intenção, a “vibração” emitida de acordo com o que acontece na roda e com os sentimentos que estão presentes no cantador e nos demais componentes, ocorre como espécie de transmissão de “energia”, através da “entonação da voz”, dos “acentos” mais ou menos atrelados aos significados das palavras. Este processo em movimento cria uma “atmosfera” atuante na roda como um todo e nos jogadores mais precisamente, nas suas intenções, disposições, sentimentos e sensações. Sentimentos e sensações são aspectos circunstanciais em movimento dados no aqui e agora vivido a ponto de predominar e decidir a atualidade da percepção do outro e da roda de forma geral.

Essas condições, no limite da vadiação, podem levar o capoeirista que se “afina” com tudo isso, a se entregar e vivenciar o jogo, afetado pela “energia das pessoas que estão cantando”, junto à pré-disposição dos próprios capoeiristas para “chegar nesse estado”. A vivência dessa experiência não é marcada por uma atitude calculadora que avalia riscos e tematiza chances de sucesso:

Você não está assim pensando racionalmente: Vou jogar em cima do ritmo, vou tomar cuidado com o golpe dele (...) você afinado com a voz desse cantador e com o toque, com a energia das pessoas que tão cantando (...) você se coloca numa forma que você, no momento você apenas reage a tudo, então o berimbau chama, você volta. O seu corpo é que vai, da mesma forma que nesse momento que você ta indo se vier um movimento você desmonta, o seu corpo eh você rola pelo chão, e ta em pé de novo e sem saber como é que você fez aquilo (S8).

Assim, é o “corpo que vai”, marca maior do presente no agora perceptivo. Estes *acordos* são influenciados pela musicalidade no sentido de reforçá-los, atenuá-los ou rompê-los. Nesse sentido, a música, o ritmo, as diferentes tonalidades, as cantigas com suas possíveis interpretações provocam o capoeirista em nível psíquico e corpóreo, como evidenciam as expressões: tensão, excitação, emoção e arrepio. É próximo deste nível que ocorre o estabelecimento da *cumplicidade*, da proposta, da troca, do

convencimento e da ruptura da relação entre os jogadores, bem como a percepção de uma presença já existente na roda relativa ao gênero das intenções, o que leva a antecipar o direcionamento de algumas ações na roda.

CORPO, ZELO

Os Mestres que comandam a roda agem no sentido de mediar, promover ou interromper situações diversas, fornecendo elementos para o acordo que vai sendo estabelecido. Junto a isso, os rituais que precedem a roda podem fornecer uma disposição e intenção prévia entre os participantes, o que não impede a atualização constante dos valores expressos nessa disposição durante o desenrolar do jogo. Uma das possibilidades de atuação, promotora destes valores presentes nas intenções dos participantes, envolve a preparação pessoal do Mestre responsável. Esta preparação – “limpar seu corpo, se concentrar” para zelar pela roda: “ele é um zelador” – envolve uma experiência religiosa:

Mas o capoeirista por exemplo se ele vai numa roda de capoeira onde ele é o comandante da roda de capoeira ele não deve ter relação sexual, ele não deve ter, se possível naquele dia ele tem que lavar a roupa dele, tem segredos na roupa, né? Ele tem que tomar seu banho limpar seu corpo mesmo (...) se concentrar, fazer suas orações (...) porque ali ele é um zelador (S8).

O zelo revela o cuidado com as pessoas envolvidas na sua totalidade e o Mestre age no sentido de atentar e zelar por isso, de forma a atuar na roda cuidando e preservando a si mesmo e aos outros, atuando, entre outras coisas, sobre a “atmosfera” psíquica da roda, a fim de garantir as condições necessárias para lidar com o perigo em potencial que pode vir a se efetivar. Geralmente, quem comanda a roda se encontra na composição da “bateria”, principalmente no berimbau: “quando eu to ali no berimbau... é uma coisa de orgulho mesmo, é uma coisa de saber que aquilo ali é muito nobre, aquilo ali é uma (...) as pessoas que estão do lado dependendo do seu conhecimento, da sua doação, do seu toque” (S8). O reconhecimento e a importância deste momento, vivenciadas e percebidas pelo capoeirista, mostram como esta experiência também se encontra em íntima afinidade com a vivência da vadiação. Desta forma e idealmente, para que esse ambiente propício à vadiação ocorra, é necessária uma propensão psíquica mais ou menos comum entre os participantes e à forma de ver a capoeira e agir no interior dela. Torna-se necessária uma atitude condizente com isso, na qual a presença e a afinidade devem se dar de forma espontânea e por isso, descompromissada, pois não se trata de uma obrigação.

O CAPOEIRISTA

Retomando o ponto relativo ao modo de agir pertinente à capoeira e ao mesmo tempo originário de si mesmo, tal modo, em meio aos valores e saberes manifestos comunitariamente e inerentes à capoeira, é constituído por uma atitude originada em um duplo movimento: a constante emergência de algo de si mesmo subjacente, de forma simultânea e implícita, à apropriação destes saberes e valores, originando uma expressividade própria que se revela, ganha forma e se dá à consciência do próprio praticante e da comunidade: “eu me sentia bem com meu jogo”; em relação a como o outro percebe o sujeito, “ele sentia bem com meu jogo”. Ocorre, então, o reconhecimento pelos outros – “todo mundo bate palma” –, mas um

reconhecimento apreciativo que destaca aquilo que compõe o si mesmo do capoeirista – “você é você mesmo” – manifesto através da sabedoria apreendida – “sabe tocar, sabe cantar, sabe jogar” –, o que se estende para o “mundo” da capoeira como um todo:

ele sentia bem com meu jogo e eu me sentia bem com meu jogo (...). Falava você é capoeirista em qualquer lugar que chegar, você é, você é você mesmo, sabe tocar sabe cantar sabe jogar capoeira, ninguém destrata, todo mundo bate palma pra você (S1).

Através da assimilação e prática de saberes apropriados, estas experiências relativas a como se é reconhecido na comunidade da capoeira e como os outros o recebem, se dão também através da reprovação, esta última limita a atuação do capoeirista que costuma provocar desarmonia nos ambientes em que atua: “você era queimado, capoeirista queima você (...) ó ó é o mal elemento (...) aí você tá se aproximando, o cara dá uma olhada (...) Faz de conta que não te viu vai saindo fora, não é?” (S4). No entanto, quando o capoeirista é bem vindo:

larga até o que tava fazendo pra você vir e cumprimentar a pessoa, esse é o mundo da capoeira que eu quero viver, quando... eu quero viver até minha morte, com fé em Deus (...) Isso que é bonito (...) Saber chegar, saber sair. (S4)

Desta forma, o “saber chegar” e o “saber sair” não são um simples modelo de comportamento a ser seguido, mas é opção condizente com a maneira de viver a vida dentro da capoeira, atrelada ao reconhecimento daquilo que é propriamente si mesmo implicado nos valores próprios da capoeira e manifestos na comunidade de capoeiristas. É necessariamente aí que se dá a vivência de se reconhecer e ser reconhecido como capoeirista:

Você vê a alegria de todo mundo (...) aí mestre tal e tal (...) então isso te dá o prazer de você ser um capoeirista, mas isso é o tempo (...) você consegue mesmo que seja um pouco diferenciado (...) ser bem chegado em qualquer roda que você vai. (S4)

O prazer de ser um capoeirista e a alegria e a confiança em si, são vivências que, expressas em harmonia consigo mesmo, em meio à possibilidade do perigo de ser destrutado, “queimado” pelos capoeiristas e pela capoeira, permitem à pessoa o esclarecimento e conhecimento de si. Aí se encontra a habilidade de se colocar de forma a não afrontar o ambiente diferente e, ao mesmo tempo, não ser destrutado. Isso constitui uma sabedoria inerente à malícia, à malandragem e à abertura ao outro, um saber adaptar-se e se preservar sem necessariamente causar prejuízos, entrar e sair de lugares que contém certos destaques dessemelhantes e semelhantes. Através disto, mantendo sua integridade como capoeirista e pessoa no que se refere à sua constituição própria:

Ele tem que saber o que está fazendo, não fica inventando moda (...) Copiando coisas de uns e outros, ele tem que fazer à coisa que tá dentro dele! Ele tem que fazer coisa [que] é dele mesmo! Dentro da capoeira. (S1)

Pode-se dizer que a originalidade, do ponto de vista fenomenológico, corresponderia a um preenchimento da intuição vazia de um gesto reproduzido por uma intencionalidade que constitui originariamente o gesto, produzido novamente, originado integralmente na intenção vivida. Assim, a apropriação torna-se geradora de fenômenos pertinentes à capoeira, mas que ao mesmo tempo marcam a singularidade constitutiva do sujeito.

Contudo, há sempre a possibilidade de encontro com situações potencialmente prejudiciais:

Não chamar um cara recruta pra jogar com você, o que é que ele tem dentro dele?! Pra apresentar!? Fazer aquele jogo com você? Não tem nenhum jogo! Você pode até se prejudicar com um cara desse, machucar um cara desse! (S1)

Surge então a opção de se preservar fisicamente, moralmente, enquanto afinidade e direcionamento no mundo:

Às vezes você tá num lugar que não é um lugar que tem a sua energia, mas você tá ali, mas pra provar o quê? Às vezes você tá andando de madrugada na rua, que são outras energias, e aí você se pergunta: 'pôxa, o que é que eu tô fazendo aqui?' Aí num determinado momento, se você não tem uma consciência, se você não tem um direcionamento, você tá perdido. Então, eu vejo que a Capoeira ela me resgatou esse sentimento (S2).

Essas indagações, ou mais precisamente essa sintonização da energia e da percepção, corresponde à relevância que os sentimentos presentes em si mesmo e nos outros assumem no primeiro plano da consciência, no ambiente e no momento, bem como da afinidade ou discordância destes – ambiente, momento e outros – com relação a si mesmo. Contudo, é o contato com essas situações que possibilita este direcionamento e esta afinidade⁵.

Discussão

Utilizando-se de elementos apropriados, o capoeirista, de forma ideal, propõe e recebe abertamente as propostas do outro e vice e versa, dentro do estabelecimento de um *acordo* através e em meio a movimentos que promovem diferentes intensidades de risco. Contudo, verifica-se que o perigo marcado pela intenção e ação dirigidas à vitória ou a derrota do outro através da luta manifesta como ameaça real – podendo ocorrer por meio da quebra da cumplicidade ou pelo estabelecimento de um falso *acordo* por um dos capoeiristas – faz parte da constituição da capoeira, porém não se dá necessariamente como regra de fato e sim enquanto possibilidade com a qual necessariamente se lida. Neste sentido, as buscas pelo desafio e pela luta real também podem ser traços compatíveis com a expressão própria e original do capoeirista e, de forma ideal, também se efetiva através da cumplicidade. Porém, pode promover, no limite, um modo de agir destrutivo, podendo chegar até mesmo a eliminar moral e fisicamente o outro em prol de uma auto afirmação de si e reificação deste outro.

Deste modo, esse *acordo* se constitui intencionalmente em se preservar física, moralmente – e talvez sobretudo – se preservar e expressar um modo de ação originário de si mesmo e pertinente à capoeira, de colocar-se no mundo ativamente. Assim, as adversidades e dificuldades são constantemente construídas no jogo por meio de situações arriscadas onde o elemento luta está mais ou menos dissolvido pelo lúdico e pela representação. Em última instância, estas dificuldades e adversidades podem ocorrer de outras formas na vida e, por isso, esse aprendizado

⁵ É importante colocar que quem se posiciona e vivencia a Capoeira na rua, pode passar por estas indagações, o que mostra apenas possibilidades de direcionamento distintas.

corporal e dialógico fornece condições e elementos para uma disposição subjetiva ampliada capaz de lidar com essas situações difíceis dentro e fora da roda.

Conforme o *acordo corporal* vai sendo permeado pela vadiação, ocorre determinada abertura para uma multiplicidade de alternativas de ação frente ao risco e/ou perigo numa espécie de diálogo – pergunta e resposta – e através da espontaneidade, da afinidade, da fluidez, do descompromisso dentro de uma relação dialógica corporificada e potencialmente direcionando-se à realização mútua. Uma explicação que se aproxima deste aspecto, trás o jogo da capoeira no qual “Cada movimento pode, assim, se reverter em uma série de outros movimentos em que o/a capoeirista procura estabelecer um diálogo corporal com parceiros/adversários, combinando ousadia com poder criativo e refletindo matizes variados de uma mesma jogada.” (Barbosa, 2005, p.84).

A amplificação de alternativas descrita nos resultados é constituída por um *movimento intencional* que, anteriormente preso à agressividade, mesmo que sem perder essa possibilidade, se dirige gradativamente à espontaneidade, abertura e a atenção ao outro. Estas últimas, acompanhadas da malícia e da malandragem⁶ aplicadas com espírito lúdico, possibilitam modos originários de lidar com o risco em cumplicidade com o outro. É possível afirmar então, que o movimento intencional transformador da propensão do sujeito à auto-defesa ou violência para outras formas de lidar com as adversidades, ocorre em outras artes marciais, visto que Looser (2006), amparando-se na teoria da sociedade de risco, mostrou que a maioria das pessoas que procuram aderir à prática de uma arte marcial apenas em busca de auto-defesa, ao longo da prática ou desistem ou continuam por outros motivos ligados ao caráter filosófico da mesma. Desta forma, tal mudança intencional, aponta para a transformação dos modos de agir frente a problemas afetivos e sociais presentes no cotidiano, no sentido de solução ou melhoria dos mesmos, o que foi constantemente relatado pelos mestres no caso deste trabalho. Pode-se notar então, este movimento intencional como um dos prováveis fundamentos do contexto de crescimento e descoberta evidenciado por Colombus & Rice (1998) durante a investigação do significado das artes marciais na vida cotidiana de praticantes norte americanos. Estes os descrevem, como emancipação de problemas psicológicos, vivências ligadas ou constituídas pela melhoria de problemas sociais, familiares, afetivos etc.

Dessa maneira, é possível concordar com as possibilidades de aprendizagem social colocada por Abib (2007) como forma de resistência cultural e política adquirida durante o aprendizado de capoeira angola e de seus elementos como a dissimulação entre outros, principalmente os que se referem aos de gênero estratégico: “Tais estratégias são utilizadas (...) no enfrentamento direto e indireto aos poderes estabelecidos, e acabam sendo componentes importantes do ethos da capoeira angola na atualidade” (Abib, 2007, p.189). Ou ainda, de acordo com a afirmativa de Dias (2006),

⁶ Apesar destes elementos se apresentarem de forma não muito clara, os relatos apontam a malícia mais como percepção sensível das intenções ou dissimulação das mesmas, enquanto que a segunda envolve tais elementos, porém, é mais voltada para ações mais estratégicas e preventivas, de forma maleável e dinâmica. Visando adaptação em meio a diferentes ambientes e transformação de situações adversas.

confirmar as possibilidades dessa cultura enquanto promotoras de “práticas sociais malandras” que “estão registradas de forma simbólica no jogo da capoeira... vencer a luta na falsidade, no engano, no jogo de corpo” (Dias, 2006, p.161). Estas leituras dizem respeito a faces do fenômeno que se desdobram e se mostram socialmente, portanto, originadas de elementos constitutivos da capoeira, de sua interioridade intencional. Porém, estas leituras dão a entender a capoeira sempre no âmbito do ataque direto ou indireto com finalidade relacionada ao vencer, ao resistir e enfrentar, o que não nega, mas obscurece outra possibilidade presente na capoeira, a de abertura, troca e cumplicidade. Abertura e troca são anteriores às intenções de vencer e resistir, porém não anteriores cronologicamente e, sim, enquanto subjacentes a essas intenções, sempre constantes e podendo se desdobrar em direcionamentos outros que não apenas vencer e resistir.

Nesta relação corpóreo dialógica há, conforme relato da pesquisa, momentos em que “os dois se tornam um” (S8). Esta experiência, embora evidentemente não exclusiva das artes marciais, parece encontrar aí – nas práticas corporais em que há o cultivo de habilidades para lutar – terreno fértil para emergir e, principalmente, erguer-se como dado determinante no desenvolvimento e/ou solução do combate. Representação semelhante foi anteriormente identificada como espécie de “fusão”, experiência do outro como espelho, em pesquisa fenomenológica cujo objeto era o *karate* (Barreira, 2008). Estas representações são expressivas de uma experiência que, como será visto, não corresponde, como pode sugerir, a um “tornar-se um com o outro” ou a uma “fusão de subjetividades”. O alcance desta experiência, tanto na presente pesquisa quanto naquela que tomou o *karate* como objeto (Barreira, 2008), é vinculado a uma semelhança intencional reconhecida e compartilhada pelos adversários. Este direcionamento intencional semelhante, mas não idêntico, é o que permite a passagem da experiência de “eu” para a experiência de “nós” Ales Bello (2006). Na luta, tal fenômeno opera de modo determinante enquanto é o que permite reconhecer a afinidade intencional entre os combatentes. Esta afinidade intencional se efetiva como antecipação das possibilidades predominantes de ação do adversário. Também se efetiva como um agir do sujeito *correspondente* à ação de outro sujeito. Caso fosse possível uma fusão, mistura ou união entre os adversários, entre os sujeitos, isto implicaria no fim da oposição inerente à luta. Não são, portanto, dois sujeitos que se tornam um sujeito, mas duas intenções que se assemelham sem serem idênticas, sem serem as mesmas. Ambas as pesquisas encontram limites efetivos entre os sujeitos que lutam: no caso do *karate*, a ocorrência do golpe decisivo (Barreira, 2008); no caso da capoeira, a ocorrência do imprevisto, “quando penso que peguei ele saiu” (S8). Imprevisto e golpe decisivo marcam a distinção entre os sujeitos, portanto, o limite entre um e outro. Dadas estas fronteiras efetivas, pode-se recuar até a fronteira fenomenológica que é dada pelo ato empático, fenômeno descrito por Edith Stein e marcado pelo reconhecimento da vivência do outro enquanto não-originária (Ranieri e Barreira, 2009).

Enquanto vertentes que os mestres representam, pode-se dizer que, de maneira geral, os mestres entrevistados ligados à capoeira regional, mostram uma intencionalidade um pouco mais voltada a formas de jogo onde o elemento luta é menos diluído pelo lúdico e pela representação, enquanto que os pertencentes a vertente angola expressam o contrário. Contudo, há exceções em ambos os casos indicando que o que é determinante naquilo que se refere à abordagem lúdica ou combativa é menos a vertente e mais

um posicionamento pessoal. Já no que se refere ao saberes inerentes à malandragem e à malícia, há independência em relação à vertente, o que sugere determinar que a predominância destes se dê pela vivência mais constante da capoeira na rua e em ambientes diversificados enquanto estilos ou modos de prática.

Conclusão

Todas as vivências descritas neste trabalho não só têm a corporeidade como momento preliminar Ales Bello (2006), mas constituem saberes corporalmente apreendidos e expressos pelos capoeiristas. A partir disso, é possível dizer que viver a capoeira implica em estabelecer e negociar o acordo sensível que sustenta uma cumplicidade construtiva ou não. No caso da primeira, a negociação é, embora não complacente, já que desafiadora, descomprometida com a vitória ou o com predomínio de si sobre o outro, permitindo fluir a criatividade e promovendo condições para uma realização mútua. Na relação que se dá predominantemente em meio ao conflito, o capoeirista se move de acordo com tais ações no mundo, transformando, contornando, mudando e adaptando situações. Evoca-se um estilo de *estar no mundo* pessoal, autêntico e criativo, cuja sensibilidade corporal pauta valores e gestos reconhecidamente pertinentes à comunidade capoeira. Assim, as diferentes expressões de saberes próprios da capoeira são re-originados por praticantes experientes que garantem sua transmissão geracional e manutenção cultural. A expressão original destes saberes em ação aciona a capoeira como manifestação, renovando os seus modos de aparição.

Referências

- Abib, P. R. J. (2005). *Capoeira angola: Cultura popular o e jogo dos saberes na roda*. Campinas/Salvador: UNICAMP/EDUFBA.
- Abib, P. R. J. (2009). A capoeira e seus aspectos mítico-religiosos. [Versão eletrônica]. Revista Textos do Brasil, 14, 71-78. Recuperado em 09 novembro 2009, de <http://www.mre.gov.br/dc/textos/revista14-mat9.pdf>
- Ales Bello, A. (1999). *Culturas e Religiões: Uma leitura fenomenológica*. (A. Angonesi, trad.). Bauru: Edusc. (Trabalho original publicado em 1997)
- Ales Bello, A. (2005). Phenomenological hyletics and the lifeworld. *Analecta Husserliana*, LXXXIV, 293-301.
- Ales Bello, A. (2006). *Introdução à fenomenologia*. (J.T. Garcia e M. Mahfoud, trad.). Bauru: Edusc.
- Amatuzzi, M. (2005). *Por uma psicologia humana* (2a ed.). Campinas: Alínea.
- Barbosa, J. S. (2005). Capoeira: A gramática do corpo e dança das palavras. *Luso-Brazilian Review*, 42(1), 78-98. Recuperado em 19 de março de 2010, de <http://www.capoeiraunb.com/textos/BARBOSA,%20MJS%20%20Capoeira%20A%20gramatica%20do%20corpo%20e%20a%20danca%20das%20palavras.pdf>

Barreira, C. R. A. (2006). A alteridade subtraída: O outro no esvaziamento do karate e na redução fenomenológica. [versão eletrônica]. *Mnemosine*, 2(2), 106-118. Recuperado em 05 março. 2008, de <http://www.cliopsyche.cjb.net/mnemo/index.php/mnemo/article/viewFile/109/180>.

Barreira, C. R. A., & Massimi, M. (2005). Arqueologia fenomenológica das culturas. *Revista Online Estação Científica*, 00, 1-11. Recuperado em 8 de março. 2008, de http://www.fesjf.estacio.br/revista/artigos/cristiano_arqueo.pdf

Barreira, C. R. A., Massimi, M. (2006). O caminho espiritual do corpo: A dinâmica psíquica no karate-do shotokan. *Memorandum (Belo Horizonte)*, 11(6), 85-101. Recuperado em 15 de fevereiro. 2009 de <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a11/barreiramassimi03.pdf>

Barreira, C. R. A., & Massimi, M. (2008). O Combate Subtrativo: A espiritualidade do esvaziamento como norte da filosofia corporal do karate-do. *Psicologia. Reflexão e Crítica*, 21(2), 283-292. Recuperado em 15 de fevereiro. 2009 de <http://www.scielo.br/pdf/prc/v21n2/a14v21n2.pdf>

Barreira, C. R. A., Silva, G. P., Murata, K. T., Fernandes, L. C., Meggiolaro, N., & Ranieri, L. P. (2008). A entrevista fenomenológica como instrumento da psicologia: Metodologia e política de alteridade. [Resumo]. *Anais do V Simpósio Brasileiro de Psicologia Política*. São Paulo: Escola de Artes, Ciências e Humanidades.

Columbus, P., & Rice, D. (1998) Phenomenological Meanings of Martial Arts Participation. *Journal of Sport Behavior*, 21, 1, pp-16-29. Recuperado em 12 de março. 2009, de

Dias, A. A. (2006). *Mandinga, manha & malícia: Uma história sobre os capoeiras na capital da Bahia (1910-1925)*. Salvador: EDUFBA.

Husserl, E. (2008). *A Idéia da Fenomenologia*. (A. Mourão, Trad.). Lisboa: Edições 70. (Trabalho original publicado em 1973. Título original: *Die Idee der Phanomenologie - (Band II Husserliana)*)

Looser, D. (2006). The Risk Society and Martial Arts Training in New Zealand. *Journal of Asian Martial Arts*, 15(1), 8-23. Recuperado em 5 de fevereiro. 2009, de <http://web.ebscohost.com/ehost/pdf?vid=3&hid=2&sid=cb24b02f-1429-4e52-a18b-31b1a996f90e%40sessionmgr14>

Ranieri, L. P. e Barreira, C.R.A. (2009). Facetas da empatia na fenomenologia: Uma leitura de Edith Stein. In VI Congresso Internacional de Psicologia e X Semana de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá (pp. 1-14). Maringá, Brasil.

Reis, A. L. T. (2006). *Capoeira: Saúde & bem-estar social*. Brasília: thesaurus.

Sodré, M. (2002). *Mestre Bimba: Corpo de mandinga*. Rio de Janeiro: Manati.